

Sujeitos e Subjetividades na era da Governamentalidade Algorítmica: uma análise Foucaultiana e Psicopolítica

FRANCISCO ROBLEDO DE LIRA¹; FERNANDO CEZAR RIPE DA CRUZ ²;
SANDRO FACCIN BORTOLAZZO ³

¹Universidade Federal de Pelotas – robledolira@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fernandoripe@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – sandrobortolazzo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste estudo, pretende-se explorar a noção de sujeito e de subjetividades constituídas a partir de um tipo de governamentalidade algorítmica, tendo como referencial os estudos foucaultianos e o conceito de psicopolítica de Byung-Chul Han (2020). A escolha por essa abordagem ganha justificativa na medida em que as tecnologias digitais vão avançando e com implicações práticas nas diversas atividades cotidianas. Assim, a questão central desta análise se concentra em investigar como os algoritmos operam na produção de subjetividades e na condução das condutas dos sujeitos contemporâneos. Em termos teóricos, utiliza-se as contribuições de Michel Foucault, notadamente a partir do conceito de governamentalidade, assim como as ideias de Antoinette Rouvroy e Thomas Berns sobre governamentalidade algorítmica.

A governamentalidade algorítmica (GA) refere-se a uma forma de governança baseada no uso de algoritmos e *big data* para gerir e controlar a sociedade. Embora relacionada à Governamentalidade de Michel Foucault (2008), se difere da GA no que diz respeito ao contexto histórico e os próprios mecanismos de poder. A GA atua de forma fluida, conduzindo e moldando comportamentos, reduzindo incertezas, promovendo controles preditivos de escolhas, desejos e decisões por meio do processamento de grandes volumes de dados. Já a Psicopolítica é um conceito que se refere a um novo tipo de controle que, ao invés de se basear em formas tradicionais de opressão, atua diretamente sobre a mente e a psique das pessoas.

Dessa forma, a relação entre GA e psicopolítica se distancia das abordagens tradicionais sobre poder. Ambas as abordagens partilham da ideia de que as relações de poder, hoje com base em padrões a manipulação de dados, atuam na produção de subjetividades. Ademais, essa relação revela um novo paradigma de poder que se insinua nas dimensões da subjetividade. Ao mapear e analisar os dados gerados pelas interações e registros históricos digitais, os algoritmos instigam não apenas as escolhas, mas as percepções da realidade. A psicopolítica, por sua vez, aprofunda essa análise, evidenciando como esses mecanismos de controle se infiltram na psique, induzindo questões como autodisciplina e a auto-otimização. Dessa forma, a governamentalidade algorítmica, ao coletar e processar vastas quantidades de dados, alimenta a psicopolítica, que, por sua vez, utiliza esses dados para moldar a subjetividade e conduzir comportamentos de forma cada vez mais sutil e eficaz. A consequência desse processo é a produção de sujeitos cada vez mais adaptados a um mundo digitalizado e hiperconectado, mas também mais vulneráveis a formas de manipulação e controle que escapam à percepção consciente.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo bibliográfico, exploratório e de caráter qualitativo, que empreende uma análise a partir de dois movimentos metodológicos: o primeiro movimento empreende um estudo a partir de um conjunto de obras foucaultianas, mais precisamente com ênfase na noção de Governamentalidade. Para Foucault (2008, p. 143), a Governamentalidade refere-se ao "conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança". Quer dizer, a governamentalidade se refere à arte de governar para além do Estado, abrangendo uma variedade de instituições e técnicas que buscam moldar e dirigir os indivíduos.

A Governamentalidade Algorítmica (GA) proposta por Rouvroy e Berns se diferencia significativamente da governamentalidade de Foucault em termos de contexto histórico e mecanismos de poder. Enquanto Foucault descreve um conjunto de instituições e técnicas que visam governar a população utilizando a economia política e dispositivos de segurança, a GA emerge em um contexto de avanço tecnológico, utilizando algoritmos e big data para gerenciar e controlar a sociedade de forma descentralizada e invisível. Ao contrário da governamentalidade tradicional, que se baseia em instituições visíveis e em uma relação clara de poder, a GA opera por meio de previsões e modelagens comportamentais, guiando e influenciando decisões e desejos sem a necessidade de coerção explícita ou direta. Assim, a GA não visa governar o indivíduo em sua totalidade, mas modular suas condutas de maneira sutil e automatizada, usando os dados coletados para criar padrões que antecipam comportamentos futuros.

O segundo movimento, de caráter analítico, contempla uma relação entre Psicopolítica e Governamentalidade Algorítmica. Byung-Chul Han introduz o conceito de psicopolítica para descrever um tipo de controle que atua na esfera psíquica dos indivíduos, usando a própria liberdade como um mecanismo de poder. Segundo Han (2017; 2020), vivemos uma era em que o poder não reprime, mas seduz, conduzindo-nos a uma auto exploração que é incentivada pelos próprios sistemas digitais. Por fim, recorre-se a Antoinette Rouvroy e Thomas Berns que discutem a governamentalidade algorítmica como uma forma de governo que não se baseia mais em leis ou normas, mas no processamento de dados em grande escala. Para Rouvroy e Berns (2013), este modelo representa uma forma de poder que utiliza de algoritmos para governar os sujeitos. Os algoritmos, assim, poderiam se constituir "como dispositivo completo de governamentalidade por si só" (idem, 2013, p. 75). Neste caso, os mecanismos de poder operariam por meio da inteligência artificial e de grandes conjuntos de dados para monitorar, prever e incitar desejos, comportamentos, condutas e aprendizados. Os algoritmos, nesse contexto, não lidam com sujeitos ou objetos, mas com padrões e dados que, ao serem processados, geram previsões. Ao transformar incertezas em probabilidades, os algoritmos acabam por "domesticar o futuro", gerando um controle que é tanto invisível quanto eficaz.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao indicar os resultados do estudo, parte-se do reconhecimento de que as operações algorítmicas estão implicadas na produção de subjetividades e na

condução das condutas dos sujeitos. Portanto, ao introduzir a relação entre Psicopolítica e GA, sugere-se a proposição de três discussões interligadas.

Um primeiro ponto analítico é que a ideia de um sujeito algorítmico emerge como uma construção que vai além do controle disciplinar tradicional descrito por Foucault. Sob a GA, o sujeito se torna um objeto de previsão e controle, onde os algoritmos antecipam comportamentos e moldam decisões. Esse fenômeno resulta em automações, reduzindo escolhas e capacidade crítico reflexiva.

Um segundo resultado analítico é que a psicopolítica, ou seja, a ideia de uma política que atua na psique, tem implicações na produção subjetividades, uma vez que os algoritmos se tornam instrumentos de gestão da própria vida. Ao mesmo tempo em que oferecem comodidade e personalização, esses sistemas digitais direcionam comportamentos, desde o consumo até as preferências políticas e sociais. Através da coleta e análise contínua de dados, as plataformas digitais assumem um papel de governança, onde os sujeitos são guiados por um ambiente informacional moldado para antecipar ações.

Um terceiro e último movimento de análise parte da ideia de que o neoliberalismo, ao se apropriar das tecnologias algorítmicas, promove uma forma de governança que otimiza a vida em nome da produtividade e da eficiência. Essa lógica transforma os indivíduos em dados, modelados e administrados, que visam maximizar o valor econômico. Nesse contexto, a subjetividade é reconfigurada para atender aos interesses do mercado, em um processo que naturaliza a vigilância e a exploração dos dados pessoais.

4. CONCLUSÕES

A problematização do pensamento foucaultiano, quando aplicada à era digital, oferece um quadro teórico importante para entender o sujeito algorítmico e suas implicações na sociedade contemporânea. A GA, ao transformar dados em previsões, cria outras formas de controle que vão além da ordem disciplinar. A psicopolítica, por sua vez, mostra como a psique dos indivíduos se torna uma ferramenta poderosa de governança.

A partir dos resultados apresentados, é possível afirmar que a GA e a psicopolítica atuam na reconfiguração do sujeito contemporâneo, promovendo formas de controle e produção de subjetividades que ultrapassam os modelos disciplinares tradicionais descritos por Foucault.

O sujeito algorítmico emerge como um ente previsível e moldável, cujo comportamento é incitado por mecanismos que antecipam e direcionam decisões, o que diminui sua capacidade crítico-reflexiva e autonomia. Ao mesmo tempo, a psicopolítica revela como a gestão da vida e das próprias subjetividades é exercida de maneira sutil, com algoritmos se tornando ferramentas que não apenas monitoram, mas também induzem comportamentos e preferências.

Por fim, a incorporação dessas tecnologias pelo neoliberalismo acentua uma lógica de otimização e produtividade que redefine a subjetividade em termos de capital, transformando os indivíduos em fontes de dados a serem exploradas e moldadas conforme os interesses do mercado. Assim, a naturalização da vigilância e a instrumentalização da subjetividade evidenciam um cenário em que a autonomia e a própria produção do sujeito é gradualmente subordinada à lógica algorítmica. Somado a esse alinhamento teórico, potencializa-se, para estudos futuros, um possível entendimento de como o sujeito algorítmico – governado na era digital – estabelece diferentes relações contemporâneas consigo e com os outros.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: Neoliberalismo e as Novas Técnicas de Poder. 7. ed. Tradução de Mauricio Liesen. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Gouvernamentalité algorithmique et perspectives d'émancipation: Le dispositif de crédit social chinois". In ROUVROY, Antoinette; BERNS Antoinette (Eds.). **Gouvernementalités algorithmiques**: Critique de la raison algorithmique, 2013, pp. 117-152.